



Cordel da Barra

Iradilson Bispo

Prólogo

Saúdo Leandro Gomes de Barros,
poeta maior em cordel do litoral ao sertão.

E, como ele, acredito nas palavras
como meio de transformação.
Creio na cultura, na arte e na ciência
como caminhos pra consciência:
estradas para libertação.

Atenção peço aos leitores
para os escritos de um poeta sem formação,
que rabiscou alguns versos
pra cidade de onde retira o seu pão.
Falo da Barra dos Coqueiros,
onde ensino, aprendo e tenho companheiros,
a quem dedico esta narração.

E começo alertando aos leitores
A verdade é amiga da razão
Esta terra não foi descoberta
Foi invadida à bala, calada pelo facão
Portugal roubou o índio gentil
Chamou a terra Pindorama de Brasil
E abriu caminho para a exploração



Da invasão

Noventa anos após, ainda no século XVI, onde hoje se assenta o nosso Estado, outros europeus oportunistas, transformavam a Barra da Cotinguiba em mercado, trocando bugigangas por pau-brasil, como sempre fizera a Metrópole gentil com os povos subjulgados. Ops! Povo colonizado.



Portugal ficou sabendo do fato e, para acabar com a festaria, mandou para cá Cristóvão de Barros, fundar uma povoação e dar fim a pirataria. Assim fez o fidalgo português, instituindo a Capitania de Sergipe d'El Rei, e a primeira São Cristóvão então nascia.

Das terras

Onde ficava esse lugar?
A história desconhecia!
Mas, bem recentemente,
a ciência, que é mãe e guia,
veio provar pra toda gente
que esse marco imponente, possivelmente,
está na atual Ilha de Santa Luzia.

Assim aconteceu sua primeira povoação.
Todavia, a cidadela não vingou:
foi duramente atacada,
a população se dispersou.
Cristóvão bateu em retirada,
foi fazer sua cidade em outra parada,
mas a Ilha, mesmo assim, prosperou.

Anos depois, um posto foi instalado
para importar e exportar mercadoria.
Durou até 1854,
ano em que Aracaju nascia.
Para a ilha foi dada outra missão:
em 1875, através de uma Resolução,
a Ilha dos Coqueiros virou freguesia.





Tornou-se paróquia de Aracaju,
com seus pequenos povoados
e em novembro de 1853,
num único distrito foram agrupados.
Barra dos Coqueiros foi um dos nomes escolhidos,
Entre tantos outros títulos requeridos,
para ser o nome deste chão abençoado.

Das gentes

Mas terra sem gente nada vale.
É como praia sem areia, garfo sem dente,
faca sem corte, coração sem sangue,
doença sem doente.
Gente é o bem mais precioso,
o ouro mais belo e valioso:
paisagem transcendente.

Gente é o bem mais precioso,
fios que urdem teia
joia cara e valiosa,
pássaro raro que gorjeia.
É força que ergue uma história,
É raiz que guarda memória,
É chama que nunca incendeia.

Vou louvar ícones incontestes,
que contribuíram com maestria,
para a cultura bairrense:
com zelo, determinação e valentia.

**Saudemos Dona Ana Parteira e Olinto Brasileiro,
Dona Rosalva e Galeão festeiro
Dona Sula e o pastoril do Jaconia.**



Viva Creusa Gomes, Dona Cica, Dona Branca,
Patrícia Santos, Ana do forró
Viva Mestra Iolanda que tanto coco dançou.
Salve Zé Sacristão, José Franklin, Maria do Céu,
Dona Sula e Gratulino Vieira.
Salve outros frutos que da Barra germinou
Não havendo espaço pra todos neste papel
Quanto menos neste pequeno cordel
Que da minha cachola brotou

— *Das mudanças e permanências*

Orlando o rio Sergipe
e acarinhando o mar,
a cidade floresceu pequena e pacata,
Um paraíso pra se morar:
dormia-se de porta aberta,
a vida não tinha pressa.
Foi assim até a ponte chegar

Aponte trouxe muita coisa
Além da conurbação,
migrantes, comércio e dinheiro,
causaram verdadeira revolução.

Crescimento desordenado,
desigualdade pra todo lado,
mudando a realidade da sua pequena
população

Mesmo assim hábitos antigos
teimam em permanecer.

Muitos bairrenses
ainda catam mangaba e mariscos pra vender,
banham-se no rio, nadam e pescam,
sentam-se as portas onde a brisa refresca
e usam as tototós para se locomover.



Do episódio

Amarro esse cordel a uma coincidência.
Quando Inácio Barbosa mudou a Capital,
a falta de um porto descente,
foi o motivo legal.
Em Aracaju ele também não vingou,
Seu porto nunca veio: voou!
Mas ter um porto não era ideal?



Hoje o tal porto, quem diria,
por ironia ou adequação,
Foi na Barra construído
E aqui peço licença para uma provocação:
Se a Barra já tem ponte, resort e imposto
usina eólica, arranha-céu e porto,
por que capital não pode ser?

—FIM—